

NOSSA SENHORA DAS LÁGRIMAS

Lucia Castello Branco¹

*A cada mil lágrimas sai um
milagre.*
Alice Ruiz

Esta é a cena, uma primeira cena de escrita: uma menina ilágrime desfia as franjas do sofá, no fundo do corredor. De seu plano de menina, vê apenas os sapatos da mãe, que se vão embora, naqueles pés que se distanciam. A menina não olha para o alto. Brinca com as franjas do sofá, desfiando-as, e decide, secretamente, que não vai chorar. Não desta vez.

Mais tarde, um pouco mais tarde, mas nem tanto, a menina decide ser escritora. Sim, trata-se de uma decisão: escrever essa história, a história de uma menina ilágrime a desfiar as franjas do sofá, mas também outra história, outras histórias, quaisquer histórias que... façam chorar. Tudo o que a menina queria, desde muito cedo, era fazer chorar.

Por isso, talvez, o seu primeiro livro de adulta – um livro para crianças – tenha sido escrito em meio a tantas lágrimas: *Júlia-Toda-Azul* (1994). Nessa pequena história, a força análoga à experiência que deu origem ao livro: a experiência de ser mãe. E, depois, um pouco mais tarde, quando enfim escrevesse o seu primeiro livro para adultos, *A Falta* (1997) – e aqui me refiro exclusivamente aos livros de literatura –, também fosse este o efeito que buscava: fazer chorar.

Seria simples pensar que o que a escritora buscava era justamente o que lhe faltava, o que faltara à menina que fora, quando a mãe a abandonara diante de um sofá de franjas, a desfiar o já desfiado. Seria simples pensar que a menina buscava fazer chorar porque ela mesma não chorava, ao ver a mãe ir embora. E talvez fosse ainda mais simples pensar que a escritora buscava, mais tarde, fazer chorar aquela mãe abandonônica, que se fora assim tão bruscamente, sem verter uma lágrima.

Tudo isso seria simples, mas também um tanto óbvio e, portanto, duvidoso. Porque os melhores livros, os melhores filmes, as melhores canções, para a escritora, não são exatamente aqueles que a fazem chorar, hoje. Talvez as melhores obras, para a escritora, sejam

justamente aquelas que a deixam em um certo estado – o “estado de graça”, como Clarice Lispector o nomeou, em uma crônica excepcional:

Quem já conheceu o estado de graça reconhecerá o que vou dizer. Não me refiro à inspiração, que é uma graça especial que acontece aos que lidam com a arte.

O estado de graça de que falo não é usado para nada. É como se viesse apenas para que se soubesse que realmente se existe. Nesse estado, além da tranqüila felicidade que se irradia de pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve porque na graça tudo é tão, tão leve. É uma lucidez de quem não adivinha mais: sem esforço, sabe. Apenas isto: sabe. Não perguntem o quê, porque só posso responder do mesmo modo infantil: sem esforço, sabe-se. (1994, p. 91-93).

Então, se é do “estado de graça” que se trata, já não há catarse, nem lágrimas, nem maiores comoções. O que há é a experiência extrema da leveza – a “insustentável leveza”, talvez – contra o peso do viver. A essa rara experiência podemos chamar “milagre”. E talvez seja um outro escritor – Baudelaire – quem dela possa nos falar com maior precisão:

Muitas vezes, em Oxford, vi Levana em meus sonhos. Conhecia-a pelos seus símbolos romanos. Mas quem é Levana? É a Deusa que presidia às primeiras horas da criança, que lhe conferia, por assim dizer, a dignidade humana. Na ocasião do nascimento, quando a criança provava pela primeira vez a atmosfera perturbada do nosso planeta, punham-na no chão. Mas quase logo, com medo de que uma tão grande criatura rastejasse no solo mais do que um instante, o pai, como mandatário da deusa Levana, ou qualquer parente próximo, levantava-a no ar, ordenava-lhe que olhasse para cima, dizendo-lhe talvez em seu coração: “Contemplai aquele que é maior que

vós!” Esse ato simbólico representava a função de Levana. E esta deusa misteriosa, que nunca mostrou suas feições (exceto para mim, nos meus sonhos) e que nunca agiu por delegação, tira seu nome do verbo latino *levare*, erguer no ar, manter elevado. (1951, p. 534-538).

Digamos então que, para a menina, assim como para a mulher-escritora, seja este o milagre da escrita: o milagre de Levana, de elevar, no ar – de tornar leve – o insustentável peso do viver. A esse “milagre” a psicanálise, com Freud, chamou “sublimação”. E assim Lacan o definiu: “elevar o objeto à dignidade da Coisa” (1991, p. 141-142).

Eis-nos, afinal, diante de um outro plano: não mais o da menina ao rés-do-chão, a ouvir o som dos sapatos da mãe, que se afastam – “tacones lejanos”² –, mas o da mulher que já pode olhar esta cena do alto – como numa visão panorâmica – e então fazer chover sobre a cena: eis o milagre. Porque, quando chove, não é mais de um “eu” que se trata, mas, sim, do texto, em sua impessoalidade:

Chove torrencialmente no texto. No descampado, correm, ribeiros exigentes e momentâneos. Atravessam e encharcam a rua e arrastam-na para o Elster que atravessa Leipzig, e corre apressadamente para o Elba. São informações da imaginação sobre um mapa. Sobre o texto, chove torrencialmente. Começou por cair água-mel que, benfazeja, veio pôr fim ao longo período de seca, depois água-marinha, que irá salgar os campos, em seguida, água, uma massa de chuva torrencial por onde avança o *silêncio de água* que cresce na noite tempestuosa. Os relâmpagos furiosos que vagueiam sobre os campos imensos de beterraba, a caminho de Berlim, a leste, mandam os ventos apagar todas as velas, fechar os humanos em todas as casas, amedrontar os bichos, curvar as árvores e as plantas, desnudar as pedras.

Fora do abrigo, só avança o silêncio da água. O texto vê-o descer do alto debruçado sobre

as águas. Águas que correm sobre nada
_____ porque sem leito que as fixe. Águas
que desinquietam o rio que transborda sobre
os campos, sobre os animais afogados, sobre o
choro humano. (1994, p. 42).

“Chover” é sem sujeito. E talvez todo o movimento da menina, em direção à deusa Levana, ou a Nossa Senhora das Lágrimas, não passe de um movimento análogo ao fazer chover no texto: “Nossa Senhora das Lágrimas, fazei chover no texto, fazei chorar em nós”.

Há aí, nesse processo de condensação – a passagem do estado gasoso para o estado líquido – uma operação delicada, de dissolução. Pois que aqui, na condensação, o processo é o inverso da sublimação, a passagem do estado líquido para o estado gasoso. Mas não me perguntem o que se dissolve aí, pois eu não saberia dizer.

Mas não chamo por Nossa Senhora das Lágrimas para fazê-los chorar. Para mim, basta que os leitores descubram a força das letras e respeitem seu mistério e o “ato só de escrever”.³ Mas isso, justamente, é o milagre. E, para um milagre, é preciso reunir mil lágrimas, diz a canção.

Foi por isso, talvez, que um sonho curioso me acompanhou, quando pela primeira vez fui ao encontro daquela que gosta de me chamar, publicamente, de “Professora Lucia”. Sonhei que ela me apresentava sua sobrinha, e que esta se chamava “Lágrima”. Era só este o sonho: um nome – Lágrima.

Na primeira visita à sua casa materna (porque é sempre da mãe que se trata), encontrei Nossa Senhora da Purificação. O encontro com Nossa Senhora da Purificação, pela primeira vez, na cidadezinha baiana de Santo Amaro, me fez chorar por três dias e três noites, sem parar.

E é assim até hoje, quase sempre, quando me encontro com Maria Bethânia fora do palco. Os melhores encontros são sempre fora do palco, mesmo quando eles se dão no palco – isso aprendi bem cedo. E talvez eu tenha aprendido também bem cedo – cedo demais, talvez – que o milagre também se dá raramente, sempre fora do palco, fora das luzes, no acaso dos pequenos gestos.

Pode ser um milagre eu estar aqui hoje, ao lado de vocês. E, creiam-me, não estou no palco enquanto leio estas palavras. São palavras de uma menina – a menina que fui e que poderia ter se chamado “Melancolia”, mas não se chamou. A menina que não é autora das palavras que se seguem, mas que gostaria de tê-las escrito e que, por isso, assim encerra o texto que, no “sol da noite”, esta noite se escreveu:

O livro que escrevi faz-me escrever, recolho-o
como um sonho livre
vivo; vários textos na mesa os joelhos nos olhos
na mão,
no solo também descobro um texto que recolho
sem poder lê-lo ainda
(...)
como este livro é belo; releio-o ao corrigir as
últimas provas; alguém o escreveu que não sou
só eu; se assim foi, tornei-me profundamente seu
amigo; tem um S por nome _____ *Sol da
noite*, sibilo; mas só encontro o ar derramado por
ele que circula na casa, scriptor. (2005, p. 215-216)

Que assim seja, Nossa Senhora das Lágrimas, que assim seja.
Amém.

Referências

BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres Complètes de Charles Baudelaire*. Paris: Gallimard, 1951.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. de Maria Regina Louro. Lisboa: Relógio d'Água, 1984.

BRANCO, Lucia Castello. *Júlia-Toda-Azul*. Belo Horizonte: Vigília, 1994.
_____. *A Falta*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LACAN, Jacques. *A Ética da Psicanálise*. Vol. 7. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Lisboaleipzig 2: o ensaio de música*. Lisboa: Rolim, 1994.

_____. *Finita*. 2 ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

